

Rumos

MARÇO/ABRIL/MAIO/JUNHO 2020

Economia &
Desenvolvimento

NOVO AMANHÃ

Em um futuro marcado por incertezas, a única previsão certa é a de que a humanidade será outra depois de enfrentar o seu maior desafio em um século: a crise do novo coronavírus. Nesta edição especial, a *Rumos* debate os efeitos da pandemia sobre as economias, os impactos sociais e as perspectivas para o país e o mundo.

ARTIGO

O diretor do Banco da Amazônia, Francimar Maciel, defende o papel dos bancos de fomento na crise.

REPORTAGEM

Instituições Financeiras de Desenvolvimento anunciam ações especiais para apoiar a economia.

ARTIGO

Betina Limone, executiva do Sicoob, ressalta a importância da gestão humanizada no novo cenário.

Prêmio **ABDE-BID**

Edição 2020

inscreva-se inscrições abertas

www.abde.org.br

AO LEITOR

Nesse momento tudo parece eco, um som que já foi dito no passado, mas continuamos ouvindo no presente e, se tiver sido forte, permanece por filigramas de tempo no futuro. Abrigados em nossas casas, tudo o que acontece no mundo chega em fragmentos, pedaços de sons e narrativas de um mundo em ruptura para se reconstruir em cima de si mesmo, das mesmas referências, mesmas ruas, cidades, países, idiomas, economias, mas, ao mesmo tempo, como uma mágica, diferente, com distâncias, protocolos e receios. Para tentar entender o momento, a *Rumos*, como um produto de seu tempo, também se recolheu e, em função da pandemia, a presente edição é quadrimestral, e teremos mais duas trimestrais até o final do ano.

Com essa adequação, seguimos o ritmo do momento, que pede ação e cautela, cuidado e coragem. Nas próximas páginas, apresentamos a forte ação do Sistema Nacional de Fomento em auxiliar o país a atravessar a crise sanitária e econômica, com medidas de apoio às empresas e aos empreendedores. Confira também os artigos de executivos do Banco Cooperativo Brasileiro, do Banco da Amazônia e da Associação Brasileira de Economia Industrial e Inovação, que retratam programas e atitudes fundamentais nesse período.

Em especial, a reportagem de capa faz um retrato da crise que o novo coronavírus aprofundou na economia brasileira, mas também sinaliza algumas saídas e caminhos possíveis para a retomada do desenvolvimento, ainda que em cenário adverso.

Enfim, o mundo mudou, mas parece o mesmo, ouvimos o eco das nossas palavras, mas agora parecem ter outro sentido. É um momento de ler, aprender e observar.

Boa leitura!

NESTA EDIÇÃO

10 **ARTIGO**
Francimar Rodrigues Maciel
A importância dos bancos de fomento na crise

11 **ARTIGO**
Fernando Sarti
Célio Hiratuka
Saúde, inovação e financeirização

12 **ARTIGO**
Betina Limone
A importância de uma gestão humanizada

26 **SISTEMA NACIONAL DE FOMENTO**

28 **LIVROS**

DESTAQUES



Pixabay

04
REPORTAGEM
Ações de fomento



Noel Joaquim Falad

14
CAPA
Nada será como antes?



Ações de fomento

Instituições financeiras de desenvolvimento oferecem crédito e outras soluções financeiras para empreendedores de diversos segmentos, em todas as regiões do país, para que a crise da Covid-19 não inviabilize os negócios e gere o menor impacto econômico e social sobre a população. **POR REDAÇÃO**

O mundo vive uma crise de dimensão ainda não totalmente mensurável. Para muitos analistas, é um caso sem precedentes, por unir a quase certeza de uma recessão econômica global à trágica situação sanitária em todo o globo. No Brasil, a economia já havia se comportado de forma aquém das expectativas em 2019 e os primeiros números de 2020 também indicam uma forte queda em todos os indicadores econômicos e sociais. Nesse contexto, em que o país atravessa uma turbulência em diferentes áreas, as instituições de fomento têm buscado atuar para minimizar os efeitos da pandemia sobre as empresas, os trabalhadores e, especialmente, os pequenos empreendedores.

“As Instituições Financeiras de Desenvolvimento (IFDs)

têm como missão apoiar a economia brasileira, especialmente em momentos de grande dificuldade como esse. Elas são instrumentos de política pública de grande relevância, capazes de operar com agilidade na interface entre atores privados e governamentais, além de possuírem experiência e conhecimento para atuar no apoio a segmentos e setores específicos, como as micro, pequenas e médias empresas”, destacou o presidente da Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE) e diretor de Planejamento do Banco do Nordeste, Perpétuo Cajazeiras.

Ele lembrou que, por estarem instaladas nas cinco regiões do país, as IFDs têm condições de pensar as es-

peculiaridades do cenário local e oferecer soluções adequadas para cada realidade. “O desafio é imenso, mas essas instituições estão preparadas para auxiliar os empreendedores brasileiros a se recuperar e manter seus negócios ativos, o que é fundamental para as regiões onde estão instalados”.

O Sistema Nacional de Fomento – conjunto que reúne mais de trinta instituições de financiamento em todo o país, públicas e cooperativas – tem empreendido ações desde o momento em que os efeitos da pandemia da Covid-19 se tornaram mais visíveis no Brasil, a partir da segunda quinzena de março. Alinhadas às políticas estaduais e federais, as instituições são utilizadas como ferramentas indispensáveis para investimentos emergenciais no setor da saúde e, especialmente, para a sustentação das micro e pequenas empresas, gravemente atingidas pelas restrições sanitárias. Nestes três meses, desde o início da crise, as organizações associadas à ABDE ofertaram mais de R\$ 218 bilhões na economia, especialmente por meio de concessão de crédito, mas também por outras medidas econômicas. Esse valor corresponde a cerca de 12,3% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

O detalhamento das ações das instituições de fomento pode ser conhecido no Informe Especial – Covid-19, documento público lançado pela ABDE e disponível no site da Associação, com atualização periódica. A *Rumos* apresenta, na sequência, um resumo das ações das instituições em cada região do país, destacando também aquelas que possuem atuação nacional, como os bancos federais e as instituições cooperativas.

NORTE

Na Região Norte do Brasil, cinco estados contam com instituições financeiras públicas, que buscam apoiar os empreendedores locais. Além disso, também é presente o Banco da Amazônia, instituição federal que possui atuação em todos os estados da região.

Nessa crise, o Banco da Amazônia lançou a linha de crédito especial do Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO), com juros de 0,21% ao mês e condições diferenciadas, que ainda vai permitir a renegociação de operações de crédito já realizadas com recursos do fundo. O banco também adotou uma medida que contempla pessoas físicas e jurídicas que desejem suspender as parcelas de financiamento de operações de crédito de fomento e anunciou a flexibilização das condições de acesso às linhas de capital de giro com taxas diferenciadas de 4,88% ao ano.

A Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam) destinou R\$ 40 milhões para auxílio de micro e pequenas empresas afetadas pela pandemia do novo coronavírus e também determinou uma série de medidas, como a negociação de prazos para pagamentos de contas, a criação de

O desafio é imenso, mas as Instituições Financeiras de Desenvolvimento estão preparadas para auxiliar os empreendedores brasileiros a se recuperar e manter seus negócios ativos.

**Perpétuo Cajazeiras,
presidente da ABDE**

um fundo de combate às epidemias e um programa de distribuição de renda.

A Agência de Fomento do Estado do Tocantins, por sua vez, prorrogou o prazo para pagamento das parcelas de empréstimos e financiamentos dos meses de abril e maio para o final do contrato, e criou linhas de capital de giro com carência e taxa reduzida para diversos segmentos.

Já o Banco do Estado do Pará (Banpará) se tornou operador do Fundo Esperança, programa criado pelo governo do estado, que oferece crédito de até R\$ 15 mil a empresários, com juros de 0,2% ao mês, carência de 90 dias e 36 meses de prazo para pagamento, a fim de aquecer o setor econômico durante o período de isolamento e de menor fluxo do comércio, segmento que mais gera emprego no estado.

CENTRO-OESTE

Na Região Centro-Oeste do Brasil, a Agência de Fomento de Goiás (GoiásFomento) anunciou a injeção de R\$ 500 milhões para auxiliar os pequenos empresários, especialmente para capital de giro – dinheiro para pagamento de impostos, mão de obra, aluguéis e outros custos fixos variados. A instituição também decidiu prorrogar o prazo de vencimento das parcelas relativas aos contratos de financiamento e disponibilizou uma cartilha para orientar os empreendedores goianos de micro, pequeno e médio portes, além de microempreendedores individuais, sobre as linhas de crédito disponíveis, e também como pleitear acesso aos recursos.

A Agência de Fomento do Estado de Mato Grosso (Desenvolve MT) adotou o monitoramento da car- >

teira de clientes e a análise pontual de cada caso de acordo com a demanda. Também disponibilizou crédito com carência de três meses e prazo de até 36 meses para pagamento aos pequenos e médios empreendedores. Entre as linhas de créditos disponíveis na agência, o Fundo Geral do Turismo (Fungetur) atende vários segmentos afetados pela crise, como o setor hoteleiro, restaurantes, bares e similares.

O Banco de Brasília (BRB) anunciou a liberação de até R\$ 1 bilhão em crédito orientado para empresas de todos os portes afetadas pelos impactos econômicos do coronavírus. O crédito poderá ser contratado por meio de uma linha de crédito para capital de giro (BRB Progiro). A taxa de juros inicial é de 0,8% ao mês, com prazo de até seis meses de carência e 36 meses para pagamento. A expectativa é que a medida alivie o setor produtivo, principalmente o ligado a serviços, gastronomia, entretenimento e academias de ginástica.

Além dessas instituições locais, os bancos cooperativos possuem forte atuação na região e também programaram ações especiais (ver na página 9).

NORDESTE

O Nordeste conta com um grande banco federal, com

atuação em todas as suas microrregiões, e com agências de fomento em cinco estados, voltadas principalmente para o apoio ao micro e pequeno empresário. O Banco do Nordeste (BNB) passou a ofertar um crédito emergencial, em condições especiais, em decorrência da pandemia da Covid-19, para financiar investimentos e capital de giro, com taxa de 2,5% ao ano e possibilidade de carência até 31 de dezembro deste ano. O banco também lançou edital no valor de R\$ 5 milhões, destinado a micro, pequenas e pequena-médio empresas, a título de subvenção econômica e em caráter não reembolsável. Além disso, anunciou a possibilidade de prorrogação de empréstimos e financiamentos por até seis meses, contratados por empreendimentos impactados economicamente pela pandemia.

A Agência de Fomento do Rio Grande do Norte (AGN) anunciou um total de R\$ 35 milhões em crédito a serem injetados na economia local, por meio de uma série de iniciativas. Entre estas novidades está a criação de uma linha voltada exclusivamente para a agricultura familiar, na qual os interessados podem solicitar financiamentos para investimentos ou investimentos associados a capital de giro no valor de até R\$ 5 mil. A agência também implantou a liberação de



Unsplash

Os pequenos e médios negócios são o público principal das ações anunciadas.

financiamentos on-line, iniciou a operacionalização do Fungetur, com recursos disponíveis na ordem de R\$ 13 milhões, e ampliou a carência do início do pagamento para novos financiamentos.

A Agência de Empreendedorismo de Pernambuco (AGE) divulgou a renegociação de seu programa Crédito Popular: empreendedores pernambucanos com as parcelas em dia tiveram o prazo de pagamento ampliado automaticamente em 90 dias. Para novos financiamentos, as taxas de juros praticadas também permaneceram as mesmas, de 1,49% ao mês, mais baixas do que as praticadas pelo mercado bancário até então.

A Agência de Fomento de Alagoas (Desenvolve) criou uma linha de crédito de capital de giro, no valor de R\$ 15 milhões, com foco na sustentabilidade financeira das empresas do estado, para despesas de aluguel, folha e encargos. Os empreendedores terão prazo de carência e até 24 meses para quitar o débito.

A Agência de Fomento do Piauí (Piauí Fomento) anunciou a concessão de novos financiamentos para capital de giro, com recursos próprios da agência, que poderão ser realizados com carência de até seis meses e prazo de 24 meses, para restaurantes, pousadas, hotéis, bares, pubs e agências de viagem, além da oferta de crédito para empresas que trabalham na produção de máscaras, luvas e álcool em gel. A agência também iniciou a renegociação de parcelas vencidas, com carência de até seis meses, mediante solicitação dos devedores e dentro da capacidade de pagamento de cada empreendimento.

A Agência de Fomento do Estado da Bahia (Desenbahia) está oferecendo aos seus clientes todas as condições anunciadas pelas fontes de recursos cuja agência opera. Atualmente, essas fontes são o Fungetur, do Ministério do Turismo, o Inovacred, da Finep, e recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e do Banco do Nordeste.

SUDESTE

Ainda no mês de março, o Banco de Desenvolvimento de



Uma das principais medidas ofertadas por diferentes instituições foi a renegociação de dívidas e prazos.

Minas Gerais (BDMG) anunciou a oferta de crédito e melhoria das condições para as empresas mineiras, especialmente as micro e pequenas. A meta é disponibilizar crédito de até R\$ 1,1 bilhão para este segmento em 2020. Especificamente para o setor de saúde, foram criadas três linhas de crédito com condições especiais. Também será possível a renegociação de dívidas de empresas com o banco.

Em São Paulo, a Desenvolve SP disponibilizou crédito de meio bilhão de reais para financiamentos com condições diferenciadas para o Turismo, Cultura, Economia Criativa e Comércio, além de micro, pequenas e médias empresas de todo o estado. A agência também reduziu a taxa de juros da sua linha de capital de giro.

O Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes), em conjunto com o Banco do Estado do Espírito Santo (Banestes), criou uma linha de crédito emergencial para empresas de todos os portes afetadas economicamente pelo novo coronavírus. O Bandes ainda suspendeu por 90 dias as cobranças relativas aos contratos, com vencimento a partir de abril, de empresas que atuam nos segmentos de turismo, hotelaria, bares, restaurantes e entretenimento em geral. »

Já a Agência Estadual de Fomento (AgeRio) disponibilizou uma linha de crédito especial para todo o estado do Rio de Janeiro, com taxas a partir de 0,25% ao mês para os microempreendedores individuais, com carência de 12 meses, prazo de pagamento de até 24 meses e limite de crédito de R\$ 21 mil. Para as micro, pequenas e médias empresas, as taxas são a partir de 0,74% ao mês, carência de 24 meses, prazo de pagamento de até 60 meses e limite de R\$ 500 mil.

SUL

O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), que atende os três estados da região, anunciou a criação do programa Recupera Sul, que vai injetar R\$ 1,3 bilhão na economia do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná ao longo de 2020. O programa pretende proteger ou socorrer empresas dos principais setores afetados pela cri-

se, com redução de taxas de juros, simplificação de processos, flexibilização de garantias e pulverização do crédito por meio de entidades parceiras.

Além do BRDE, cada estado da região é atendido por uma agência de fomento própria, operada pelos governos estaduais. A Agência de Fomento do Rio do Sul (Badesul) desenvolveu um plano de ação para auxiliar a economia gaúcha, com a adoção de diferentes medidas para apoiar os empreendedores. Entre as iniciativas estão a renegociação de prazos e a disponibilização de crédito para o setor do turismo.

Em Santa Catarina, a agência de fomento do estado (Badesul), por meio do Plano de Enfrentamento e Recuperação Econômica, irá postergar os contratos de financiamento em andamento, além de disponibilizar linha de crédito para micro e pequenas empresas, com juros parcialmente subsidiados pelo governo estadual, e ampliar o valor máximo para

Em todo o Brasil

Instituições que compõem a ABDE e têm abrangência nacional também anunciaram o aporte de recursos para estimular a economia brasileira neste momento, que podem ser acessados por empreendedores de todas as regiões. Muitas das iniciativas são repassadas pelas instituições financeiras estaduais, como as agências de fomento e bancos de desenvolvimento. Confira as principais ações:

BNDES – Anunciou medidas que, somadas, devem gerar um impacto positivo na economia de R\$ 97 bilhões. São iniciativas como a ampliação do crédito para micro, pequenas e médias empresas e a suspensão temporária de pagamentos de parcelas de financiamentos. O programa “BNDES Apoio Emergencial ao Combate da Pandemia do Coronavírus” vai injetar R\$ 2 bilhões no setor da saúde, e outra medida anunciada, de crédito para folha de pagamentos, prevê o apoio às empresas de R\$ 40 bilhões.

Banco do Brasil – Disponibilizou R\$ 100 bilhões para empréstimos a pessoas físicas, empresas e o agronegócio. Também serão oferecidos recursos para compra de suprimentos e outros investimentos na área de saúde, eficiência energética, infraestrutura e viária, educação e saneamento para prefeituras municipais e governos estaduais.

Finep – Anunciou o lançamento de três novas linhas de crédito, no valor total de R\$ 600 milhões, para enfrentamento da Covid-19. A instituição também disponibilizou, por meio de edital, R\$ 5 milhões em recursos não reembolsáveis de subvenção econômica, para apoio ao desenvolvimento de Equipamentos e Sistemas de Proteção Individual (EPI) e Coletiva (EPC). Outro edital, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), no valor de R\$ 20 milhões, irá viabilizar projetos de pesquisa para o desenvolvimento de tecnologias de produtos, serviços e processos para o combate à doença, voltado especialmente a pequenas empresas no estado de São Paulo.

Sebrae – A instituição criou grupo de trabalho e manteve atuação junto às instituições setoriais e no atendimento direto aos empresários, bem como a articulação de políticas públicas de proteção às empresas. Em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii), liberou R\$ 2 milhões para o desenvolvimento de soluções tecnológicas para auxiliar o país a enfrentar o avanço do coronavírus. O aporte será somado a outros R\$ 4 milhões já liberados pela Embrapii e a contrapartidas das empresas, com expectativa de chegar a R\$ 10 milhões em projetos de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I), fundamentais para este momento.



O setor do Turismo foi fortemente atingido pela crise e tem recebido atenção especial, com linhas de crédito e condições específicas.

empréstimos ao microempreendedor individual de todas as regiões do estado.

A Agência de Fomento do Paraná (Fomento Paraná) estima empregar em torno de R\$ 480 milhões, divididos em quatro grandes linhas de crédito principais, que devem atingir pelo menos 40 mil empresas. Os atuais clientes que desejarem também poderão solicitar a postergação de pagamento das parcelas de financiamento por um período de até 90 dias.

COOPERATIVAS DE CRÉDITO

Para auxiliar seus cooperados a superarem os desafios impostos pela crise, os três maiores sistemas cooperativos do Brasil (Sicoob, Sicredi e Cresol), associados à ABDE e membros do Sistema Nacional de Fomento, disponibilizaram, em conjunto com a Associação Garantidora de Crédito, recursos financeiros para capital de giro com carência de até 90 dias e pagamento em até 24 meses, visando a manutenção de postos de emprego e atividades produtivas das micro e pequenas empresas.

O Sistema de Cooperativa de Crédito do Brasil (Sicoob) também adotou a reestruturação das operações de crédito, com prorrogações de prazos a partir de avaliações individuais de cada cooperativa. O objetivo foi permitir que os cooperados viabilizassem o pagamento dos vencimentos, mas com maior flexibilidade. Pequenas e médias empresas que possuam folha de pagamento vinculada ao Sicoob tam-

bém puderam financiar estes vencimentos via linha de crédito oferecida pelo BNDES, com prazo de 36 meses (com seis meses de carência), valor de dois salários mínimos por empregado e taxa de 3,75% ao ano.

A Cresol disponibilizou linhas de crédito com alongamento de prazos para pagamento e facilidade nas condições para contratação. Entre as medidas anunciadas estão a prorrogação de contrato e o refinanciamento das operações adimplentes, ambos com carência de 180 dias. A instituição também ofertou crédito próprio para capital de giro emergencial, com carência e prazo para pagamento estendidos; e a linha BNDES e Cresol Empresarial para Capital de Giro, para empresas com faturamento de até R\$ 300 milhões, com taxa fixa e carência de até 24 meses.

Além de manter todas as suas linhas de crédito ativas, com o objetivo de dar suporte aos associados e à manutenção da atividade econômica, a Sicredi decidiu analisar as necessidades de prorrogação do vencimento de dívidas durante o período de redução da atividade econômica. As análises são feitas individualmente, para que seja encontrada a melhor alternativa em cada caso. _____

A importância dos bancos de fomento na crise

O Banco da Amazônia (Basa) tem um papel de liderança no crédito de fomento na região amazônica, sendo o responsável por cerca de 64% deste mercado. Para este ano, temos R\$ 10 bilhões disponíveis e, em meio ao momento especial pelo qual o Brasil vem passando, nosso desafio na Amazônia é apoiar os setores da economia, com linhas de capital de giro para manutenção das empresas e dos empregos, e linhas de investimento para a retomada da economia.

Na vanguarda dos demais agentes financeiros da região, o Basa realizou medidas de mitigação de uma das maiores crises econômicas e de saúde da história recente, proporcionando aos seus clientes ações como a prorrogação automática das parcelas do Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO) e o uso dos canais digitais para uso do aplicativo “Sua Conta Basa”, que possibilita abrir conta, aprovar o cadastro e gerar limite automático.

O banco está conversando, por meio de videoconferências, com representantes dos setores industrial, comercial, serviço e agronegócio, tratando do momento atual e também dos cenários de impactos econômicos para todo o ano de 2020, que, segundo o último Boletim Focus, do Banco Central (BC), já projeta uma queda no PIB de 6,5%. A proximidade com os setores e a avaliação dos impactos em cada segmento dá ao banco a exata noção das medidas de combate à crise, o que lhe permite propor soluções de crédito de acordo com o porte e necessidade das empresas.

A principal linha criada para apoio às empresas, o FNO Emergencial, conta com a menor taxa de juros (2,5% a.a.), prazo de até 24 meses e limites de financiamento que vão até R\$ 100 mil, para capital de giro, e R\$ 200 mil para investimento por tomador, com a primeira parcela a ser paga em janeiro de 2021. O empreendedor, para ter acesso ao FNO Emergencial, precisa que seu município tenha o reconhecimento de emergência e calamidade por parte da União, de acordo com a Portaria nº 743/2020 do Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR). Do lançamento da linha FNO Emergencial no mês de março até 20 de junho, houve a contratação de 1.592 operações e um volume de recurso de R\$ 125 milhões.

Outra medida que beneficiou muitas empresas foi a pror-

rogação automática das parcelas das operações de fomento não rurais do FNO, com a inclusão de prazo de carência até dezembro de 2020, dando fôlego às empresas nesse momento, na forma da Resolução nº 4.798/2020 do BC. Também disponibilizamos plataforma no site do banco permitindo aos empresários e microempreendedores aderirem à prorrogação das parcelas das demais operações de crédito.

Dessa forma, mesmo com o cenário desafiador, o Basa acelerou as suas ações de crédito, atingindo um crescimento na ordem de 84% na comparação janeiro a maio de 2019, com R\$ 1,9 bilhão, e no mesmo período de 2020, com R\$ 3,5 bilhões, beneficiando indústria, comércio, serviço, infraestrutura, agricultura familiar e agronegócio.

O destaque neste momento para superação da crise é o agronegócio, que vem contribuindo positivamente para a balança comercial, uma vez que as commodities estão bastantes valorizadas pelo aumento do dólar. Ciente da importância desse segmento, o banco vem aumentando sua participação na oferta de crédito também ao agronegócio, que por meio da sua cadeia de suprimento ajuda a manter o movimento da economia nas cidades.

Assim, o Banco da Amazônia, como braço financeiro do Governo Federal, reafirma o seu compromisso com a Amazônia, no apoio aos setores econômicos e à sociedade, para a manutenção das empresas e, conseqüentemente, dos empregos, renda e redução dos impactos negativos da crise sobre o Produto Interno Bruto (PIB) regional.



Divulgação

FRANCIMAR RODRIGUES MACIEL

Diretor Comercial e de Distribuição do Banco da Amazônia. Gestor de Negócios pela Faculdade Internacional de Curitiba. MBA em Finanças pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Saúde, inovação e financeirização

A crise sanitária da Covid-19 explicitou as profundas vulnerabilidades da infraestrutura de saúde brasileira, bem como das infraestruturas de transporte, convivência, moradia e saneamento básico. O maior legado da crise sanitária poderá ser a transformação dessas vulnerabilidades sociais em ativos estratégicos para o desenvolvimento econômico e social.

No caso da saúde, o grande desafio será articular a demanda proporcionada pelo fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) com o suprimento de oferta doméstica de bens e serviços de saúde, que assegure relativa autonomia, segurança e legitimidade à política pública de universalização do acesso aos serviços de saúde. O avanço do país nas dimensões produtivas e tecnológicas na área de saúde (setores farmacêutico e de biotecnologia, de equipamentos e de serviços) terá necessariamente que levar em conta sua dinâmica competitiva global.

A área de saúde (e também as tecnologias de informação e comunicação) exemplifica como são poucas as relações entre o processo de financeirização e as atividades inovativas das grandes corporações transnacionais (ETN), como afirmou o professor Claude Serfati em sua palestra na mesa de abertura do IV Encontro Nacional de Economia Industrial (IV ENEI).

Para Serfati, embora relevantes, as análises acadêmicas e de mercado têm se centrado nos impactos da adoção da estratégia de maximização do valor do acionista (MVA), refletida no incremento da distribuição de rendas financeiras em detrimento dos investimentos e das atividades inovativas das corporações. Serfati adota uma abordagem conceitual mais ampla, ao tratar as grandes corporações transnacionais como grupos financeiros, que integram ou sintetizam na forma de capital centralizado as lógicas dos capitais industrial e financeiro.

As ETN têm redirecionado seus investimentos e intensificado seus gastos em ativos intangíveis e em operações de aquisições e fusões (A&F). Essas estratégias têm promovido um processo de concentração empresarial e de controle dos ativos tecnológicos e não tecnológicos (marcas, marketing, pós-venda). A proteção às inovações, por meio de patentes e de ativos mercadológicos, tem permitido elevar a rentabilidade e promover uma valorização patrimonial das ETN. O incremento das rendas financeiras seria beneficiado e ao mesmo tempo reforçaria as estratégias de investimentos em ativos intangíveis. Nesse sentido, os AI tornam-se cada vez mais ativos financeiros e são responsáveis por parcela majoritária do valor de mercado das corporações transacionais.

O objetivo de extrair/capturar riqueza por intermédio dos ativos intangíveis modifica o conteúdo e trajetória da inovação: a) há um estreitamento no tempo das atividades de P&D e no horizonte de retorno dos gastos em P&D; b) incremento de gastos em ativos intangíveis não tecnológicos com o objetivo de extração de valor; e c) o fortalecimento do poder monopolista das corporações.

As mudanças nas atividades de P&D das ETN promovem mudanças importantes nas relações com os demais atores do ecossistema de inovação. A consolidação das CGV, comandadas pelas ETN, tem reforçado as relações assimétricas entre essas corporações e as pequenas e médias empresas de base tecnológica. De um lado, há um crescente *outsourcing* (subcontratação) da pesquisa básica e mesmo de algumas etapas da pesquisa aplicada, visando reduzir o risco financeiro e tecnológico (o mesmo ocorre com relação às instituições públicas de pesquisa); e, de outro, maiores aquisições de *startups*, com o objetivo de internalizar novas competências tecnológicas e/ou para eliminar potenciais competidores.

Essa complexa interação entre as estratégias de inovação e financeirização é um aspecto que merece muito mais atenção por parte de acadêmicos, mas também deverá ser necessariamente considerada na proposição de políticas públicas para o desenvolvimento produtivo e tecnológico do setor de saúde no Brasil.

Divulgação



FERNANDO SARTI

Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT). Sócio da Abein.

Divulgação



CÉLIO HIRATUKA

Professor e Diretor Associado do Instituto de Economia da Unicamp. Pesquisador do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT) e do Grupo de Estudos Brasil-China.

A importância de uma gestão humanizada

No novo cenário trazido pelo coronavírus, as empresas e os negócios precisaram se adaptar, inovar e se reinventar. Modelos de trabalho foram revistos, assim como as estratégias de negócio. Para que isso acontecesse minimizando os impactos negativos da pandemia é muito importante uma gestão humanizada.

Pensando nisso, todas as ações implementadas em nossa empresa durante a pandemia consideraram prioritariamente a segurança e saúde dos nossos colaboradores, focando as ações nos nossos valores e propósito. A implementação do *home office* emergencial foi fortalecida por uma relação de confiança entre gestor e colaborador – o que é fundamental para gerar engajamento e o resultado esperado.

Sobre o tema, investimos no desenvolvimento remoto dos gestores nesse período, potencializando a habilidade de gestão a distância. Confiança no colaborador é o primeiro passo para empresas que adotam o modelo de *home office*. Entendemos que não é mais possível trabalhar no modelo comando-controle e essas relações estão, cada dia mais, sendo desincentivadas. É preciso um olhar para as pessoas e resgatar a importância do papel do líder neste momento de crise.

Durante a pandemia, as pessoas estão passando por um momento de solidão, o que altera as relações e o comportamento. Em meio ao distanciamento social, e consequente afastamento físico, as pessoas buscam cada vez mais acolhimento. Do dia para a noite mudamos a forma de nos comunicar, o local de trabalho, as demandas e, principalmente, as prioridades. Pensando na empresa estar presente nesse momento, foram implementadas cerca de 70 ações, entre elas destacam-se:

- Consultoria interna de desenvolvimento humano – a área de gestão de pessoas está realizando o acompanhamento individualizado dos colaboradores em *home office*, monitorando as dificuldades para realização do trabalho, relação com o gestor e a equipe e saúde física e mental (própria e da família);
- Vídeos de ginástica laboral e campanha interna de incentivo à adaptação para a nova rotina;
- Adaptação do momento de reunião mensal do presidente com todos os colaboradores para uma versão on-line;
- Disponibilização de consultas on-line com médico clínico geral, psicólogo, nutricionista, fonoaudiólogo ou pediatra;
- Acompanhamento individualizado dos casos de Covid-19 suspeitos e diagnósticos positivos;
- Adequação de algumas regras de convivência física – para

os colaboradores que estão em trabalho presencial.

Em ambientes de crise medidas extremas são necessárias. Nos reinventamos e estamos mantendo nossas equipes em *home office* e apenas cerca de 8% de nossos colaboradores estão trabalhando presencialmente.

Todas as ações tomadas foram pensadas para facilitar a vida dos colaboradores, e pensando em minimizar os impactos das medidas de saúde pública que já alteraram muito o nosso dia a dia.

Outro aspecto que se alterou foi a comunicação. O ambiente virtual não permite a leitura tão clara dos movimentos, expressões e tons que as pessoas utilizam para se comunicar. A linguagem está se adaptando a este novo momento.

Por essas e outras, e no futuro incerto, adaptações serão necessárias e a qualidade de vida será fator ainda mais relevante para o engajamento dos colaboradores. Estamos evoluindo, como pessoas, como humanidade. Via de regra, o aprendizado é contínuo: nossos aprendizados vão se sobrepondo e se somando a tantos outros; e passamos por esse processo infinito, pois sempre haverá espaço para aprender.

O que é gestão humanizada?

Uma gestão humanizada é voltada para aproximar-se do ser humano que está prestando um serviço para a empresa. É entender os seus contextos para elaborar estratégias de valorização, retenção e comprometimento que funcionem para ele, especificamente.

A empatia – exercício de colocar-se no lugar do outro – é uma das principais ferramentas para a análise individualizada e humana necessária para a construção de uma relação única com o colaborador.

Divulgação



BETINA LIMONE

Executiva da área de Desenvolvimento Humano do Centro Corporativo Sicoob. Psicóloga pós-graduada em Gestão de Pessoas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

#JuntosSomosMaisFortes

CA/COMUNICAÇÃO

**APROVEITE:
LINHAS DE CRÉDITO
COM CONDIÇÕES ESPECIAIS
E TAXAS ATRATIVAS.**



O Banco da Amazônia está sempre ao seu lado e atento ao momento delicado que a economia atravessa com a covid-19. Por isso, disponibilizamos linhas de **financiamento especiais** para dar fôlego e confiança ao seu negócio. Conheça o FNO Emergencial e a nova linha de **Capital de Giro**, excelentes opções para manter o fluxo de caixa e os postos de trabalho da sua empresa.

Se você já possui um financiamento com o BASA, estamos realizando a prorrogação das suas **parcelas por até 6 meses**.

Acesse o site e contrate o seu crédito:
BANCOAMAZONIA.COM.BR
#OBASATEAPOIA



Nada será como antes?

A pandemia do novo coronavírus cobriu o mundo de incertezas. Analistas ouvidos pela *Rumos* avaliam seus efeitos sobre diferentes setores da economia brasileira, discutem os impactos sociais da crise e tentam projetar o futuro dos negócios e das sociedades após a humanidade vencer este desafio. **POR CARMEN NERY**

A pandemia do novo coronavírus criou um imperativo universal para governos e organizações tomarem medidas imediatas a fim de proteger suas populações. É o que afirma o estudo Trabalho Digital Elástico, da consultoria Accenture, que destaca que são mais de 160 países e territórios afetados e nenhuma indústria está imune ao choque provocado pela crise. Empresas de viagens e turismo já contabilizam o maior impacto desde o 11 de Setembro de 2001. Organizações de varejo e de bens de consumo sentem a falta de estoque devido a atrasos na produção e quebra de cadeias de suprimentos. Eventos globais foram todos adiados ou cancelados.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a pandemia atingiu em cheio os setores industrial, de comércio e de serviços no país. Em março – primeiro mês das medidas de isolamento social – a produção industrial despencou 9,1%. Em abril, a queda foi ainda maior e foi registrado um recuo de 18,8% frente a março. O varejo teve queda de 16,8%. Mesmo os supermercados, que haviam registrado alta de 14,6% em março, tiveram queda de 11,8% em abril. O setor de serviços recuou 11,7%, considerado o pior resultado desde 2011, como consequência das medidas de isolamento social.

O desempenho dos principais segmentos afetou diretamente os resultados do Produto Interno Bruto (PIB), que caiu 1,5% no primeiro trimestre. O índice sofreu o impacto da queda de 2,5% no consumo das famílias, de 1,6% nos serviços e 1,5% na indústria. De acordo com sondagem da Confederação Nacional da Indústria (CNI), sete em cada dez indústrias citam a queda no faturamento entre os cinco principais efeitos da Covid-19. A inadimplência e o cancelamento de pedidos foram apontados por 45% e 44% dos entrevistados, respectivamente.

O segundo maior impacto foi a diminuição na pro-

dução. Das 1.740 empresas pesquisadas pela CNI, entre 1º e 14 de abril, 76% relataram que reduziram ou paralisaram a produção. Outras 59% estão com dificuldades para cumprir com os pagamentos correntes e 55% relataram que o acesso a capital de giro ficou mais difícil. Entre as medidas tomadas, 15% das empresas demitiram. No total, 91% das indústrias brasileiras relataram impactos negativos até abril. “Ninguém tem ideia do que vai acontecer. Trabalhávamos com três cenários para 2020. No otimista, a queda seria 0,9% e no cenário mais pessimista estimamos uma queda de até 7,3%, com empresas quebrando e saída mais demorada da crise, que será mais intensa quanto mais atrasarem as medidas do governo”, analisa Renato da Fonseca, gerente-executivo de pesquisa e competitividade da CNI.

Ele afirma que, em todo o mundo, só o governo é capaz de dar a arrancada inicial necessária para os países saírem da crise, ajudando a população e as empresas. A CNI propõe que o Brasil adote a mesma medida do Banco Central americano ao criar uma linha que compra 95% dos empréstimos dos bancos privados ao setor produtivo. Fonseca destaca que o Tesouro Nacional já está garantindo 85% dos empréstimos para a folha de pagamentos, porém uma parcela muito pequena é destinada às empresas com faturamento de até R\$ 10 milhões e ainda se exige que elas tenham um contrato de folha de pagamentos com o banco. “Mas é fundamental que as medidas emergenciais do governo não aumentem o déficit fiscal”, observa Fonseca.

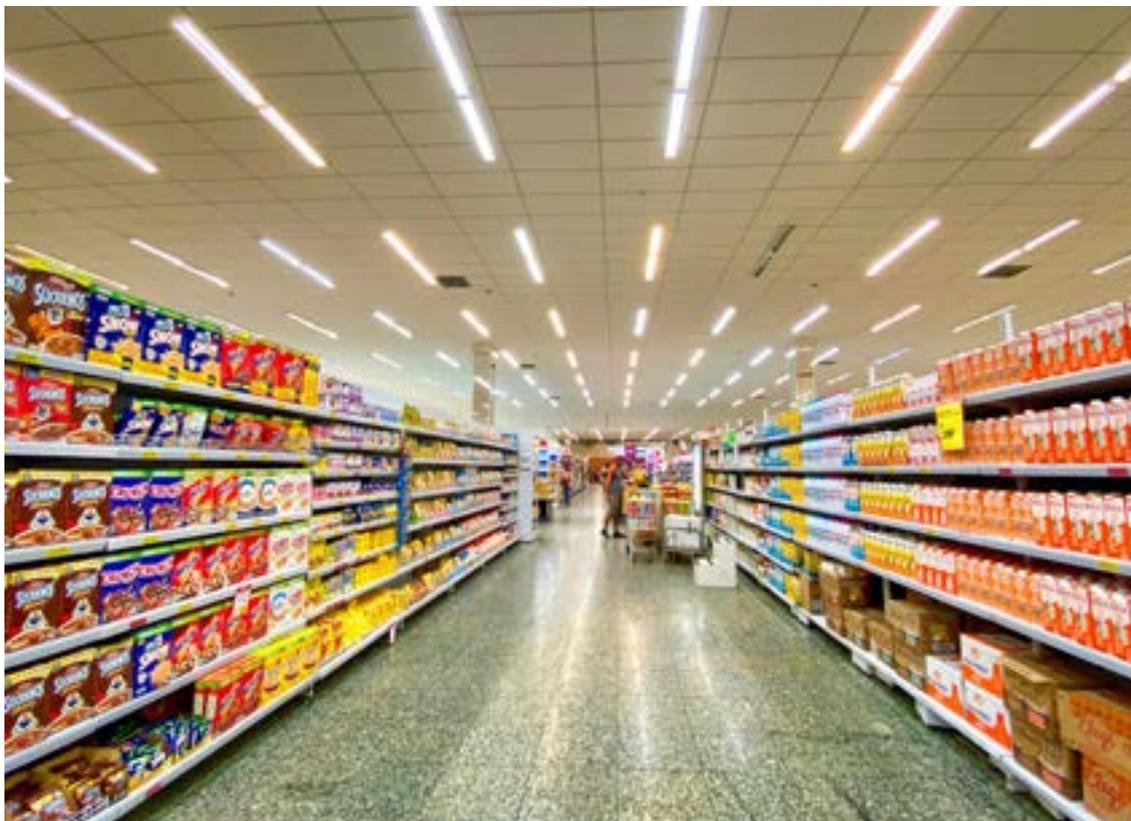
Para Fernando Honorato, economista-chefe do Bradesco, as medidas fiscais e monetárias neste momento são fundamentais e se ficarem circunscritas à crise podem não trazer consequências de longo prazo, diante da retomada da agenda de reformas e da manutenção de uma política econômica consistente. Ele »

destaca que o nível de incerteza segue elevado, afetando mercados e recomendando cautela com as projeções do cenário. Para Honorato, a compreensão sobre a imunização e a existência de medicamentos é que irão determinar a profundidade e a extensão dessa crise. “Em maio, revisamos várias projeções do nosso cenário, a começar pelo PIB global, que deve contrair 3,5%. No Brasil, esperamos queda do PIB de 4,0% com inflação em 2,2%, o que deve levar o Banco Central a cortar a Selic para 2,25%, mantendo-a nesse patamar até o final de 2021. Esperamos aceleração do PIB no próximo ano para 3,5%. E alteramos nossa expectativa para a taxa de câmbio para R\$/US\$ 4,9 em dezembro, mas pode haver depreciação adicional no curto prazo”, estima Honorato.

José Roberto Afonso, economista e tributarista pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE-FGV), em palestra online promovida pela Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE), observa que não há restrições legais para se dar uma resposta fiscal via mais gasto ou mais dívida. A própria Lei de Responsabilidade fiscal já contempla válvulas de escape para situações de calamidade ou de recessão. “Mesmo a emenda do teto de gastos tem exceções como

os créditos extraordinários, a exemplo dos que foram abertos em 20 a 30 MPs. Também houve o Supremo sancionando as ações imediatas e algo inédito como a PEC do orçamento de guerra. O Brasil é dos poucos países em que o Congresso está trabalhando. Tudo isso cria um regime extraordinário fiscal só para a União e reforça a transparência fiscal, além de tratar de algumas exceções como a regra de ouro para o BC inclusive atuar na compra direta de créditos privados. É óbvio que o endividamento público vai subir e isso não é problema; ao contrário, é solução. O ideal é que, no médio e no longo prazos, se possa converter a dívida pública em privada”, elenca Afonso.

Ele diz que o país vai precisar de reconstrução e não somente de recuperação, pois não irá voltar ao que era antes. Será necessário um redesenho institucional, econômico e social. A Covid surgiu numa cena econômica que não era das melhores, além de representar uma crise sanitária que teve data para começar, mas não tem data para acabar. Para o economista, não há a menor chance de recuperarmos o ano que vem, pois a economia mundial está em recessão, com falta de demanda, de oferta e de confiança. A grande dúvida é se haverá uma depressão ou uma grande depressão. E num momento como esse de-



Unsplash

Vendas nos supermercados tiveram alta em março, mas recuaram em abril. Varejo teve queda de 16,8%, a maior dos últimos 20 anos.

ve-se aumentar a dívida pública, como defendeu o economista John Maynard Keynes.

Para Afonso, o problema da dívida brasileira não é o tamanho – menor se comparada à de outros países emergentes –, e sim a composição, com os ativos do país concentrados na dívida pública, com paralelo apenas na Índia e no Japão. O sistema bancário brasileiro não gosta de dar crédito para empresas, preferindo emprestar para o governo. Outra característica é que a proporção da dívida pública na mão dos estrangeiros é baixa, apenas 35%. O governo não precisa de estrangeiros para expandir a dívida pública e basicamente está expandindo-a via compromissáveis, queima do caixa do Tesouro e uso de reservas.

“Quem vai ter de resolver esse desafio são os brasileiros. A crise parece um ‘I’, que afunda cada vez mais, e precisamos transformá-la num ‘L’, que afunda, mas chega em um ponto e passa a andar de lado. As últimas previsões sobre o PIB já estimam queda de 11%. Na saúde, a resposta tem sido pífia. O governo federal já tem autorizado gastos de R\$ 260 bilhões, dos quais apenas R\$ 24 bilhões são para emergência de saúde; e o pagamento é irrisório, até maio só haviam sido desembolsados R\$ 6 bilhões”, lamenta Afonso.

Ele ressalta que, de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), considerando-se a proporção das medidas em relação ao PIB, o Brasil está fazendo muito pouco e por meio de uma expansão muito mais financeira do que fiscal, como prorrogação de recolhimento de impostos. Muito abaixo do que fazem os países do G-20, em que o campeão é a Alemanha, com o banco de desenvolvimento KfW concentrando o pacote de resposta econômica. “De acordo com o FMI, a dívida pública brasileira terá um aumento de 9 pontos do PIB, abaixo das economias emergentes e avançadas. É lógico que, como já tínhamos uma dívida pública alta, o país fica limitado”, ressalta o economista.

NEGÓCIOS DIGITAIS

Os impactos da crise variam em cada estado. De acordo com pesquisa da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), quase 80% das indústrias fluminenses entrevistadas paralisaram ou reduziram a produção diante da pandemia do coronavírus. Para 71,8% dos industriais ouvidos, a queda do faturamento é um dos principais impactos da crise, »



Agência Senado

José Roberto Afonso, economista.

Para José Roberto Afonso, o país vai precisar de reconstrução e não somente recuperação, pois não irá voltar ao que era antes. Será necessário um redesenho institucional, econômico e social.



Luiza Trajano, empresária.

Segundo a Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm), o e-commerce brasileiro teve um crescimento de 47% de pedidos em abril e aumento de 18% no valor do tíquete médio, que foi a R\$ 492,43 contra R\$ 417,82 no início de março. A Magazine Luiza possui três laboratórios de inovação e integrou as lojas físicas e digitais.

além de dificuldades para acesso ao crédito.

Por outro lado, a Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm) apurou que no e-commerce brasileiro houve um crescimento de 47% de pedidos em abril e aumento de 18% no valor do tíquete médio, que foi a R\$ 492,43 contra R\$ 417,82 no início de março. No período inicial da quarentena, três setores se destacaram. Brinquedos registrou alta de 434,70% nos pedidos; Supermercados cresceu 270,16%; e Artigos Esportivos aumentou 211,95%.

Um estudo do BTG Pactual mostrou que o desempenho da Magazine Luiza em cinco semanas pode ser comparado ao trabalho de cinquenta semanas. Em webinar promovido pela Firjan, Luiza Trajano, presidente do conselho de administração da varejista, diz que, embora seja muito aberta ao novo, no início da crise ficou muito assustada e paralisada porque a pandemia fez as pessoas se depararem com a sua própria impotência.

“No primeiro momento, ficamos assustados e no segundo resgatamos o que é muito importante: a humildade. Estou vivendo cada dia, porque, se ficar pensando no que vai acontecer quando abrir, não vou conseguir viver o hoje. Sou uma CEO de crises, vivi todas as crises brasileiras, como as mudanças de moedas, o apagão, as crises financeiras. O Magazine tem crescido nas crises. Tanto a Amazon quanto a Alibaba já nasceram no digital. Nós somos uma das poucas empresas do mundo que acreditou em transformar a loja física em digital. Pagamos caro por isso, nossas ações foram lá embaixo porque todo mundo queria que separássemos o mundo físico do digital”, diz Luiza Trajano.

Hoje a empresa tem três laboratórios de inovação em Franca, São Paulo e Uberlândia, e adquiriu várias empresas de tecnologia. Ela afirma que todas as lojas vivem do digital e a empresa conta com 20 mil lojinhas Parceiro Magalu, com autônomos que escolhem os produtos da marca, enviam por Whatsapp para seus clientes e amigos ou criam uma loja virtual própria, recebendo comissão, mas com entrega e recebimento pela Magalu. “Independentemente do déficit público, o governo tem de dar dinheiro para a população – e fazer chegar às pessoas esse dinheiro –, além de ajudar as pequenas e médias empresas. O que carregamos deste momento é a generosidade. A sociedade está muito atenta. E nós devemos nos responsabilizar pela desigualdade social, que é muito grave”, defende a empresária.

Luís Alberto de Paiva, economista e presidente da Corporate Consulting – responsável pela reestrutura-

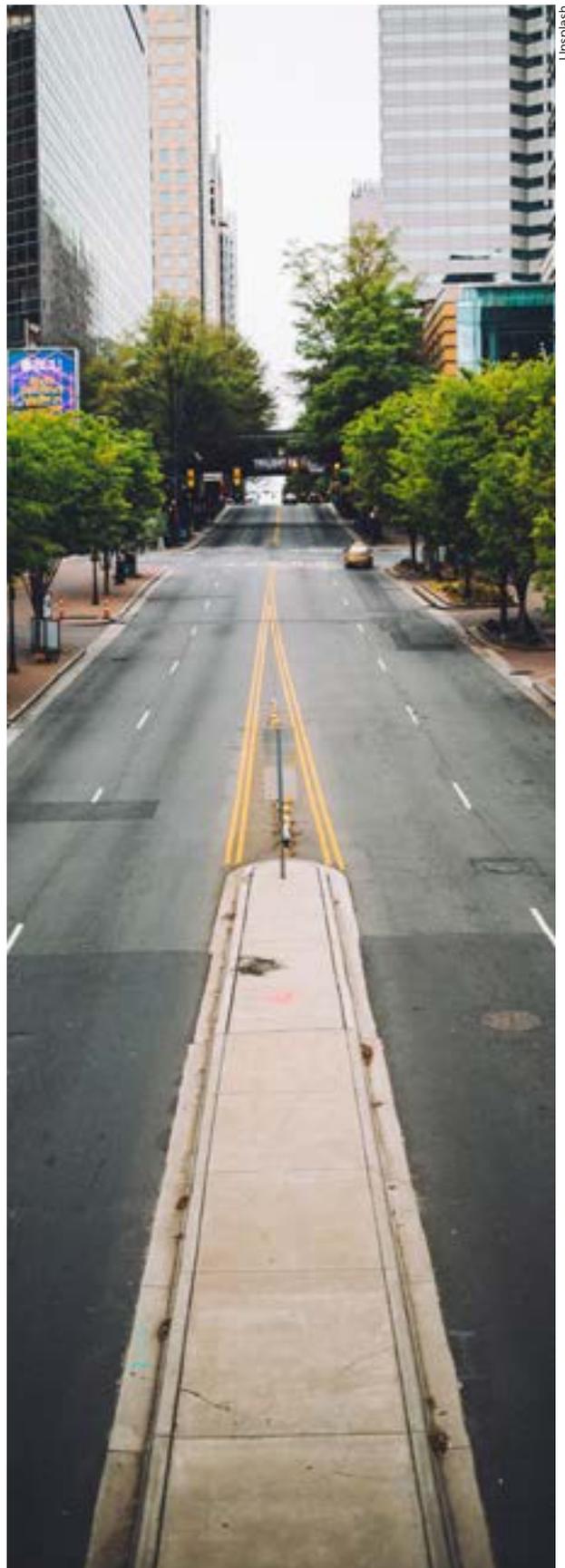
ção empresarial de mais de 400 companhias – prevê que mais de 5 mil empresas recorram a algum modelo de readequação de suas finanças, metade delas por meio de pedido de recuperação judicial e a outra metade recorrendo a renegociações *stand still* – suspensão temporária de pagamentos de juros e dos empréstimos. Cerca de 60% desse volume será provisionado para perdas. “Com isso, os bancos evitam que as empresas tomem decisões de rupturas maiores, como a recuperação judicial e extrajudicial. Mas as microempresas não têm condições para readequações de seus passivos, simplesmente desativam suas operações e abrem outra. Em 30 dias de confinamento já tínhamos 600 mil empresas fechadas”, sinaliza Paiva.

INSTITUIÇÕES DE FOMENTO

Luiz Alberto Esteves, economista-chefe do Banco do Nordeste (BNB), prevê que o PIB seguirá em linha com o apontado pelo Boletim Focus: queda de 5,5 a 6%, ou até mais no que seria o pior cenário desde a recessão de 2015/2016, quando houve queda acima de 3%. “Tudo vai depender de como vamos sair da crise. Se conseguirmos salvar pelo menos o segundo semestre, a queda pode ser de 6%. Mas se a pandemia e o isolamento se prolongarem mais, vamos perder o ano e poderemos ter uma queda acima de dois dígitos”, lamenta Esteves.

O Nordeste, que teve crescimento de forma expressiva em anos recentes, hoje está com o mesmo desempenho do restante do Brasil. As políticas públicas de transferência de renda, com ganhos reais do salário mínimo e benefícios sociais, acabaram beneficiando a região. Mas Esteves destaca que não foi apenas isso, pois o Nordeste já tinha seus próprios fatores de dinamismo com as obras de infraestrutura e de energias renováveis.

Ele considera que os bancos de fomento podem ajudar bastante, flexibilizando a questão das garantias que, no momento atual, estão sendo destruídas – investimentos, poupança, recebíveis. Após a pandemia, quando o varejo e a indústria forem refazer os estoques, haverá uma explosão da demanda por crédito. “Não dá para expandir crédito sem flexibilização de garantias. Os bancos de desenvolvimento, classicamente, são os que tomam mais riscos. O Nordeste trabalha muito bem com microcrédito, que não usa garantia física nem pessoal e sim de grupo solidário. Praticamente não há inadimplência no microcrédito, que não utiliza recursos subsidiados e representa um terço da carteira do BNB. Somando-se as pequenas e médias empresas, mais de 50% da carteira não vêm das grandes empresas, que respondem principalmente pelos projetos de infraestrutura. A grande fronteira de crescimento do »





Wilson Center

Otaviano Canuto, ex-vice-presidente do Banco Mundial.

Para Otaviano Canuto, no mundo inteiro vai ocorrer um aumento da dívida pública porque todos os Estados estão transferindo renda para as pessoas mais necessitadas e provendo crédito para empresas que ficaram vulneráveis subitamente.

Nordeste são os projetos de energias renováveis, solar e eólica, baseadas em recursos naturais abundantes”, destaca Esteves.

Adauto Modesto Jr, economista-chefe do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), diz que é importante reconhecer a gravidade e a extensão da crise do coronavírus. Ele observa que, ao longo do tempo, aprendemos com as sucessivas crises anteriores, como a grande depressão de 1929 e, mais recentemente, com a crise global de 2008. Nesses momentos, é fundamental a atuação dos instrumentos anticíclicos que vão tentar mitigar os efeitos da crise.

“Entre os instrumentos anticíclicos estão os bancos de desenvolvimento e as agências de fomento. São instituições que têm no seu DNA a capacidade de identificar os problemas que ocorrem no tecido econômico, sob sua jurisdição, e têm meios para ajudar as empresas e os governos a combater os efeitos imediatos e de médio e longo prazos da crise. O Sistema Nacional de Fomento já está fazendo isso. O BDMG aumentou seus desembolsos em 91%, um mês após anunciar um esforço conjunto de várias áreas e redução das exigências burocráticas, para responder a um aumento da demanda por crédito e às necessidades de caixa das empresas”, anuncia Modesto.

Ele ressalva, porém, que tudo tem sido feito com muita responsabilidade sem tomar riscos que a instituição não tenha capacidade de absorver. E destaca a importância de se fortalecer a atuação do Sistema Nacional de Fomento com acesso a funding mais adequado. Para isso, a relação com os bancos multilaterais é fundamental. “Com *funding* adequado e estrutura de garantias vamos poder fazer mais do que já temos feito”, sinaliza Modesto.

Otaviano Canuto, ex-vice-presidente do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), além de ex-diretor-executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) e atualmente membro sênior do Police Center for New South, diz que, em momentos de crise, há uma tendência de se atribuir uma responsabilidade às instituições de Bretton Woods, muito maior do que elas são capazes de assumir. Mas elas têm importância. Um exem-

plo é o FMI, provedor, em última instância, de liquidez de recursos de curto prazo para os países por meio dos bancos centrais. Canuto ressalta que a crise do coronavírus gerou uma paralisa do fluxo de capital para os países em desenvolvimento.

“Em três semanas de março, saíram US\$ 100 bilhões dos mercados emergentes, em busca da segurança dos títulos do governo americano. No caso de países em desenvolvimento não emergentes, também houve paralisa de outros fluxos de dinheiro, como as remessas dos não residentes. Mais de 90 países pediram socorro emergencial ao FMI. Muitos andaram se endividando e estão com serviços de dívida externa que não estão tendo condições de cumprir. O Banco Mundial e o FMI fizeram um apelo para a suspensão dos serviços de dívida dos empréstimos bilaterais este ano e o G-20 corroborou. Mas ainda tem o serviço das dívidas privadas”, destaca Canuto.

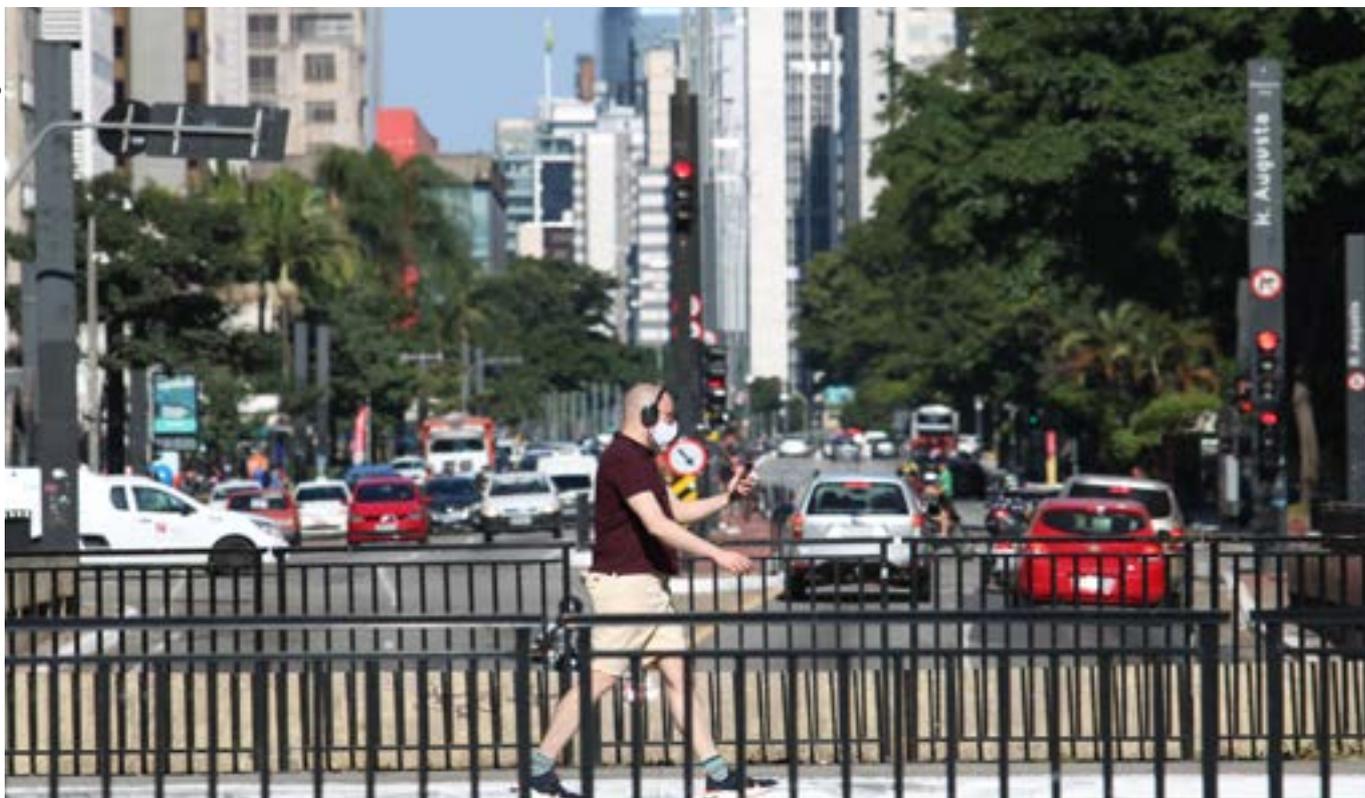
Ele diz que se a crise do coronavírus é pesada nos países desenvolvidos, é ainda mais severa nos países em desenvolvimento, onde as dificuldades para achatar a curva da pandemia são ainda maiores. A capacidade clínica instalada é menor. Esses países sofrem a chamada tempestade perfeita: além de ter de lidar com a pandemia, há o choque financeiro, o choque de preços de *commodities* e o

choque de remessas – mais de um terço do PIB do Haiti é de remessas de imigrantes.

“Em todo o mundo, quem vem para a linha de frente para combater a crise do coronavírus é o setor público. Em tempos de catástrofe, o papel segurador do Estado vem à tona e é importante que haja capacidade para cumprir essa função. Precisamos integrar fisicamente as favelas, prover saneamento. De certa maneira, a crise reforçou essa percepção. Nos EUA, há uma parcela da população que não tem serviços de saúde. Nós temos o Sistema Único de Saúde”, defende Canuto.

Ele explica que, no mundo inteiro, vai ocorrer um aumento da dívida pública porque todos os Estados estão transferindo renda para as pessoas mais necessitadas e provendo crédito para empresas que ficaram vulneráveis subitamente e não teriam crédito no mercado porque os bancos privados aumentam o prêmio de risco. Canuto avalia que no Brasil o pacote extraordinário foi anunciado, mas não está funcionando, e o canal de crédito para as PMEs está emperrado.

“A dívida pública vai subir, de uma esti- »



mativa de 76% do Produto Interno Bruto no final do ano passado, para 90%. Porém, o importante é que não se precisou jogar fora o arcabouço de ajuste fiscal em que o país estava. Quando tudo se normalizar, o prêmio de risco que os credores vão cobrar não será tão ruim. Porém, a nossa baixa eficiência no distanciamento social e achatamento da curva acaba prejudicando o desempenho econômico. Há uma convergência de que a queda do PIB fique entre - 7% e - 10%”, analisa Canuto.

Guilherme Henriques, sócio-diretor da consultoria Alvarez & Marsal, responsável pela área de setor público, ressalta que, antes da Covid-19, o país vinha de uma retomada do crescimento após a agenda de reformas liberais e o início das desestatizações. Ele diz que mesmo o dólar alto estimula o investimento estrangeiro, pois os ativos brasileiros ficam mais baratos.

“Quando os programas de infraestrutura e de desestatização sofrem um freio da Covid, ficamos apenas com o efeito ruim do dólar alto. Analisando a crise em todo o mundo, temos a chamada recessão singular, em que não houve desequilíbrio econômico e sim uma

recessão derivada da decisão dos governos de preservar a saúde, desaquecendo, abruptamente, as economias. Os EUA e a China deverão ter declínio de 10% e a Europa ficará entre 15 a 20%, semelhante ao que o Brasil deverá ter. Teremos um período de piora para depois alavancar. Levaremos de um a dois anos para chegar ao novo normal”, diz Henriques.

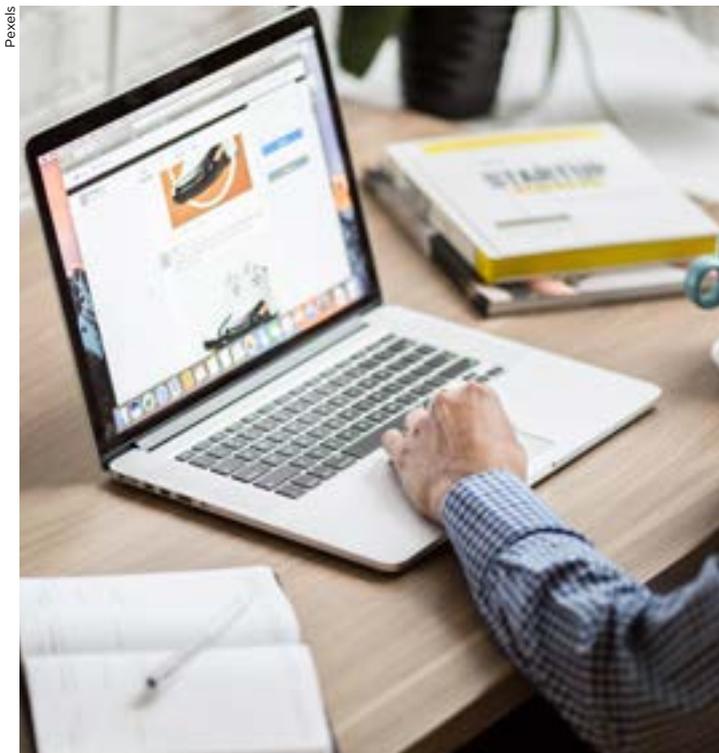
O MUNDO PÓS-COVID

Tudo isso mostra que o período pós-Covid deve apresentar mudanças nos hábitos de consumo, na educação, no trabalho, na sociedade e nas próprias pessoas. A experiência do confinamento permitiu às pessoas contato com novas formas de relacionamento e trabalho e já se fala na sociedade 5.0, que traz o ser humano mais para o centro da reflexão, enfocando questões como a dimensão da espiritualidade, no tempo pós-normal.

Pierre Lucena, presidente do Porto Digital do Recife, ecossistema referência mundial em empreendedorismo e inovação, diz que o mundo está passando por uma transformação digital forçada, em que empresas e pessoas foram obrigadas a trabalhar de casa ao mesmo tempo que cuidam dos filhos e dos afazeres domésticos. A primeira lição é que é possível produzir sem estar num ambiente físico e nem ser pago por hora e sim por produção. Mas como passamos por um confinamento forçado, haverá demanda reprimida por encontros pessoais.

“Pode ser que o remédio tenha sido tão forte, que as pessoas vão querer voltar para o trabalho e, assim, talvez, a passagem para o *home office*, que naturalmente iria acontecer, acabe comprometida. Acredito que teremos um período de euforia semelhante ao do pós-guerra. Mas alguns setores terão muitos desafios”, analisa Lucena.

O varejo físico, que já vinha sofrendo, também será atingido e a necessidade de os shoppings se reinventarem num prazo curto será um grande desafio. Haverá uma retração muito forte e o Brasil demorou muito para adotar medidas de estímulo à economia. “Vamos precisar de muita velocidade na implantação de um plano de recuperação e o Estado vai precisar se endividar para recuperar o país, a exemplo do



O home office deve ser uma solução empregada por muitas companhias mesmo após o fim da quarentena.



que os países fizeram no pós-guerra e na crise de 1929. Se o governo não atrapalhar e adotar medidas para o aumento de liquidez, forçando os bancos a dar crédito, a economia vai se recuperar”, estima Lucena.

A grande incógnita é se vai haver uma mudança no significado do conceito de produtividade no trabalho. Em algumas empresas, a produtividade durante a pandemia até aumentou. Lucena prevê que a onda de desemprego ocorrerá nos mercados que estão sendo destruídos. O novo trabalhador precisa ter um conjunto de habilidades muito diferente do trabalhador de 20 anos atrás. Com isso aumenta-se o contingente de pessoas fora do mercado, pessoas que há 20 anos seriam qualificadas.

“Aumentamos a produtividade das pessoas em 40 vezes, nos últimos 20 anos, e não aumentamos em 40 vezes a nossa qualidade de vida. Segundo a teoria do desemprego estrutural, toda vez em que se elimina uma vaga mais sofisticada na indústria, ela é criada em outros setores com o de serviços. O iFood eliminou restaurantes e o que se esperava é que permitisse »

Vamos precisar de muita velocidade na implantação de um plano de recuperação e o Estado vai precisar se endividar para recuperar o país, a exemplo do que os países fizeram no pós-guerra e na crise de 1929.

Pierre Lucena, presidente do Porto Digital do Recife



No pós-Covid, a China deve se consolidar como uma das protagonistas da política e economia mundiais.

que trabalhadores como o puxador de carroça ascendessem. Mas, na verdade, os aplicativos estão empregando o assistente administrativo que perdeu o emprego”, adverte Lucena.

Fernando Teixeira, diretor executivo de tecnologia da Accenture para América Latina, diz que a busca pelo trabalho remoto já vinha acontecendo. A discussão agora é em relação à produtividade. Em nível global, empresas como Twitter, Amazon, Google, Facebook e Microsoft, anunciaram que adotarão o *home office* de forma permanente.

O mundo pós-Covid não voltará ao que era, e as empresas terão de aprender a liderar no novo contexto. Há diversos desafios no trabalho remoto muito associados à cultura das organizações. A transformação digital, que já era uma necessidade, tornou-se imperativa, tanto em relação ao relacionamento com o consumidor, quanto a otimização da cadeia de suprimentos (*supply chain*). Haverá uma pressão por redução de custos dado o cenário econômico do pós-Covid.

“Serão necessários investimentos em tecnologias que permitem redução de custos como inteligência artificial, assistentes virtuais e todo um conjunto de soluções associadas à automação de processos. Há uma importância crescente no papel da tecnologia que será acelerada para atender à mudança de comportamento esperada”, completa Teixeira.

Silvio Meira, cientista-chefe da The Digital Strategy Company e professor extraordinário da Cesar School, ressalva que, embora muitos estejam prevendo grandes transformações, se catástrofes, guerras e pandemias mudassem o mundo e as pessoas, não teria havido a Segunda Guerra Mundial 20 anos depois da pandemia de 1918. A guerra começou em 1939 exatamente nos lugares mais afetados pela pandemia, que matou cerca de 50 milhões de pessoas.

“O economista Paul Collier diz que a única forma responsável de se responder a como vamos viver depois da pandemia é dizer ‘eu não sei’. Mas há sinais. Richard Haass, presidente do Council on Foreign Relations, nos EUA, e principal articulador da política externa de Barack Obama, diz que a direção da história não vai mudar, mas será muito acelerada. Os



Estados Unidos – que nos últimos 80 anos dominaram o mundo – nas duas últimas décadas já dão sinais claros de que o seu modelo de desenvolvimento e de liderança global entrou em colapso”, analisa Meira.

Para o cientista, o momento atual é de transição e o mundo não mais será liderado por um único país. Há a ascensão da China, como uma criação dos próprios Estados Unidos que, junto com a Europa na onda de reengenharia dos anos 1990, transferiram toda a produção fabril do planeta para o país asiático. Especialmente de produtos cujo custo de transporte era irrisório, como smartphones e eletrônicos, e depois partes e peças de automóveis e até camisetas e bermudas. Assim, criou-se uma potência fabril global que soube usar isso para criar, por outro lado, ativos de ciência e tecnologia, inovação e desenvolvimento.

“A China não está interessada em fabricar navios ou aviões. O próximo salto cognitivo da humanidade será em genética e a China hoje

está claramente à frente da Europa e lado a lado com os EUA. Enquanto a Europa e a China estavam desenvolvendo a infraestrutura do 5G, os EUA estavam investindo em Facebook e Instagram. No Brasil, o Estado tem perdido o papel de definição de grandes desafios nacionais”, analisa Meira.

Ele ironiza que o conjunto de tecnologias que passou a ser utilizado no confinamento não é nenhuma inovação, mas apenas práticas que já eram corriqueiras, há pelo menos 15 anos, em alguns segmentos, como as empresas de tecnologia. “Bem-vindo a 2005. O primeiro *e-commerce* surgiu em 1994 com a Amazon, que já tem 26 anos. A pandemia levou vários negócios a rapidamente montarem um *e-commerce*, ou seja, acabaram de chegar a 1994. Existem pessoas que não chegaram a 2007, quando foi inventado o smartphone. Tem site que não consegue criar interface responsiva para aparecer bem na tela do smartphone. Tem muita empresa que montou site no modelo de 2000. Outros ainda não entenderam o que é atendimento ao consumidor”, resume Meira.

Em Webinar promovido pela Casa Firjan especialistas ressaltaram que a consolidação da inteligência artificial e de um mundo ultraconectado vai exigir que líderes e gestores discutam ainda mais o conceito de sociedade 5.0, que coloca o ser humano no centro de tudo. No entanto, diante da complexidade, do caos e das contradições dos tempos pós-normais, os desafios são muitos.

Gil Giardelli, CEO da 5Era e professor de inovação, disse que há uma procura por temas ligados à espiritualidade e à felicidade de um modo geral nas principais universidades do mundo. Em Stanford, um dos cursos mais procurados é o *Designing Your Life* [Projetando sua vida, em tradução literal], criado pelo diretor do programa de Design, Bill Burnett, junto com Dave Evans, que liderou a equipe de design do primeiro mouse da Apple e cofundou a desenvolvedora de jogos eletrônicos Electronic Arts. Eles não entendiam por que, numa universidade tão perfeita materialmente, havia tantos casos de depressão, ansiedade e até suicídio. Mesmo uma universidade considerada financista, como Harvard, tem entre os livros mais vendidos *O lado humano da vida profissional*, tratando de felicidade, resiliência e empatia.

“Sendo um otimista racional, baseado em dados, posso afirmar que o mundo nunca esteve tão melhor. Essa pandemia é um soluço triste, mas são tempos fantásticos para estarmos vivos. Era um crime falar em espiritualidade na academia e no mundo dos negócios, mas hoje discute-se muito os três “S” – *science, society e spirituality* [ciência, sociedade e espiritualidade]”, ressalta Giardelli. _____



DESENVOLVE SP INVESTE EM TESTE DO CORONAVÍRUS

A Agência de Desenvolvimento Paulista (Desenvolve SP) investiu no laboratório brasileiro Mendelics para a produção de um novo exame molecular que permite processar, por dia, milhares de testes que detectam a Covid-19 a um preço acessível. O desenvolvimento da testagem é uma parceria com o Hospital Sírio-Libanês e obteve investimento via Fundo de Investimento em Participações (FIP).

O Fundo BBI Financial, pelo qual a Desenvolve SP realizou a aplicação, investe em empresas emergentes e com alto potencial de crescimento que atuam no mercado de saúde e ciências da vida, de perfil inovador em termos de produtos, serviços ou modelo de negócios. Por meio do fundo, o laboratório recebeu, no total, R\$ 20 milhões.

BADESUL UTILIZA PLATAFORMA DE CROWDFUNDING PARA APOIAR STARTUPS

A Agência de Fomento do Rio Grande do Sul (Badesul) efetuou, no mês de abril, um investimento na *startup* Pomartec, por meio da plataforma de *crowdfunding* Captable. A iniciativa é pioneira e altamente inovadora para o incentivo financeiro das *startups* pelas agências de fomento e bancos de desenvolvimento. O investimento ocorreu dentro de um projeto piloto de *crowdfunding* da agência. Dentro de poucos meses, será mais uma linha de financiamento da instituição.

O Badesul pesquisou, planejou e desenvolveu esse modelo de investimento com o apoio do Pacto Alegre, aliança que reúne instituições voltadas à inovação da capital gaúcha, e do Laboratório de Inovação Financeira (LAB), projeto liderado pela Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE), pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e pela Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ).

A iniciativa se baseia em aportar de 30 a 50% do montante que a empresa estiver necessitando e, depois, ofertar no mercado o restante da captação por meio de plataformas de *crowdfunding*. A ferramenta servirá de alternativa àquelas empresas que ainda não conseguem acessar créditos.

GOIÁS FOMENTO ELEVA LIMITE PARA FINANCIAMENTO

A Agência de Fomento de Goiás (GoiásFomento) anunciou, no mês de junho, a elevação de R\$ 100 mil para R\$ 490 mil do limite da linha de crédito FCO Empresarial para Financiamento de Investimentos, que conta com recursos do Fundo Constitucional do Centro-Oeste (FCO), operacionalizada pela instituição. A modalidade é destinada a microempresas e empresas de pequeno e médio portes. Já para os microempreendedores individuais (MEI), o limite permanece em R\$ 30 mil.

Com o propósito de facilitar e desburocratizar o acesso ao crédito por parte dos empreendedores goianos neste momento de pandemia da Covid-19, os interessados no financiamento não precisarão apresentar carta-consulta para ser aprovada na reunião do Conselho de Desenvolvimento do Estado. No FCO Empresarial podem ser financiados investimentos – em obras civis, instalações, máquinas, equipamentos, móveis, projetos, alguns tipos de veículos etc – com capital de giro associado. E também capital de giro dissociado.



FINEP FINANCIA PROJETO QUE AJUDA NO TRATAMENTO DA COVID-19

Um projeto apoiado pela Finep e iniciado há 15 anos no Brasil está aprimorando o uso de respiradores artificiais, equipamento crucial no tratamento da Covid-19. Trata-se de um tomógrafo portátil que custa pelo menos dez vezes menos que um aparelho convencional e permite aos médicos acompanharem o fluxo de ar nos pulmões do paciente em tempo real.

Desenvolvido pela *startup* Timpel, com recursos da Finep de R\$ 3,5 milhões em subvenção econômica, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o tomógrafo vem sendo utilizado no tratamento de pacientes com o novo coronavírus na Espanha, na Itália e nos Estados Unidos, além de em cinco estados brasileiros.

A Timpel iniciou a produção do tomógrafo em 2015, em 2016 a *startup* paulista iniciou as exportações para a Europa e no ano passado entrou no mercado americano.

AGN OFERTA CRÉDITO PARA JOVENS DO RN

A Agência de Fomento do Rio Grande do Norte (AGN) anunciou, em junho, a linha de financiamento Credjovem, dentro do programa Microcrédito do Empreendedor Potiguar, como mais uma ferramenta de estímulo ao empreendedorismo e apoio aos novos negócios protagonizados por jovens.

O Credjovem atende empreendimentos geridos por pessoas entre 18 e 29 anos, formais ou informais, do campo ou urbanos, solidários ou convencionais. Para ter acesso ao crédito, além de já ter um empreendimento em curso, o jovem deve estar sem pendências com seu CPF ou CNPJ e passar por cadastro e triagem, bem como participar de capacitação e acompanhamento da execução do plano de negócio.

Os valores do financiamento podem chegar a até R\$ 12 mil, sendo este o valor máximo para operações realizadas por empreendedores formalizados como Microempreendedor Individual (MEI).

SETOR DO CAFÉ CONTARÁ COM O MAIOR VOLUME DE RECURSOS DA HISTÓRIA DO BDMG

O Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) vai operar o maior recurso de sua história voltado para o crédito ao setor cafeeiro: R\$ 392 milhões na safra 2020/2021, um aumento de 55% em relação à safra anterior. Os valores foram disponibilizados pelo Ministério da Agricultura, por meio do Funcafé (Fundo de Defesa da Economia Cafeeira). Trata-se do terceiro maior orçamento do fundo no Brasil, atrás apenas de bancos com atuação nacional.

A economia cafeeira de Minas Gerais é a principal do país e uma das maiores do mundo. O estado responde por pouco mais da metade da produção nacional. Na safra 2018/2019, o BDMG desembolsou R\$ 253 milhões, ou 99,5% dos recursos disponibilizados pelo Funcafé, beneficiando 2.600 produtores.

Por meio do Funcafé, o banco disponibiliza três linhas de crédito aos produtores. As linhas voltadas a cooperativas de produção, aos comercializadores e exportadores, indústrias torrefadoras e de café solúvel possuem prazo de 12 meses para pagamento. Já a linha focada no financiamento de capital de giro para cooperativas de produção e para a indústria de café solúvel e de torrefação possui prazo de 24 meses.

“Como banco de desenvolvimento, o papel do BDMG torna-se ainda mais imprescindível no contexto dos desafios socioeconômicos causados pela pandemia de Covid-19. Estamos focados em uma atuação anticíclica para fornecer mais crédito aos setores estratégicos da economia, como as cooperativas e os pequenos produtores da cadeia do café”, afirma o presidente do BDMG, Sérgio Gusmão, que também é 1º vice-presidente da ABDE.



Consenso e contrassenso: Por uma economia não dogmática
 André Lara Resende
 Companhia das Letras, 2020, 224 p.

REVER OS DOGMAS

Nos últimos trinta anos, o confronto entre a experiência histórica e os postulados da teoria econômica deixaram claro o descompasso entre a realidade e a base teórica que sustenta as políticas públicas, no Brasil e em todo o mundo.

Em *Consenso e contrassenso*, o economista André Lara Resende apresenta uma coletânea de artigos já publicados anteriormente no jornal *Valor Econômico* e relembra sua trajetória de mais de 30 anos no mercado financeiro. Na obra, o autor faz críticas à política de juros, à teoria macroeconômica e argumenta sobre um dos principais ingredientes da crise que hoje ameaça as democracias representativas ocidentais.

Segundo o economista, o colapso

financeiro internacional de 2008 deixou claro que o pensamento econômico dominante necessita ser reformulado a partir de suas bases mais elementares. No mundo contemporâneo, a tese da moeda como mercadoria é apenas um “fetiche anacrônico”, que conduz grande parte dos países democráticos a um entendimento equivocado sobre a importância da disciplina fiscal e orçamentária.

Um dos formuladores do Plano Real e ex-diretor do Banco Central, Lara Resende demonstra que a busca pelo equilíbrio fiscal, a qualquer custo e em qualquer circunstância, tem obstruído uma discussão racional sobre o papel dos investimentos públicos e das iniciativas sociais na criação de riqueza e bem-estar social.



Curto-circuito: O vírus e a volta do Estado
 Laura Carvalho
 Todavia, 2020, 144 p.

A VOLTA DO ESTADO

A pandemia da Covid-19 trouxe graves consequências para diversos países ao redor do mundo. Neste livro, a economista Laura Carvalho apresenta, no contexto brasileiro, cinco funções do Estado que a pandemia ajudou a revelar. São elas: estabilizador da economia, investidor em infraestrutura física e social, protetor dos mais vulneráveis, provedor de serviços à população e empreendedor. A autora mergulha em cada face do problema não apenas para refletir sobre a pandemia, mas também para iluminar conceitos decisivos do pensamento econômico.

Ela destaca que, ao contrário das crises de 1929 e 2008, o colapso econômico de 2020 não é uma crise originada no setor financeiro, mas resultado do con-

tágio da economia real por uma crise de saúde pública.

No Brasil, a pandemia se abateu sobre uma economia que mal havia se recuperado da recessão de 2015-2016. Medidas fiscais substantivas foram adotadas, mas a resposta à crise não exige apenas relaxar regras orçamentárias, e sim repensar o próprio papel do Estado para superar carências históricas que a pandemia tornou cristalinas.

A obra faz parte da *Coleção 2020: Ensaios sobre a pandemia*, desenvolvida pela editora Todavia, com autores e autoras que refletem e discutem, em livros breves, formas de entender um dos períodos mais conturbados da história recente.



O Brasil em Transição: Economia Contemporânea

Anita Kon (org.)
Alta Books, 2020, 384 p.

CAMINHOS PARA O BRASIL

No ano de 2019, o Brasil passou por uma grande transformação no cenário político e econômico, ao mesmo tempo que ocorriam mudanças na economia mundial. Nesse contexto, eram esperados ajustes no país em prol do crescimento e saídas alternativas da recessão econômica atual.

A reflexão sobre os diferentes caminhos que podem trazer soluções aponta que é necessária uma nova fase de desenvolvimento baseada em uma visão reformulada sobre as prioridades de ação pública e privada.

A partir dessa reflexão, o livro vai tratar de tópicos que priorizam temas essenciais para a retomada do desenvolvimento econômico, em uma perspectiva de médio e longo prazos, em que se destacam abordagens macro, meso e microeconômicas. São debatidos enfoques

teóricos e empíricos sobre o estudo da dinâmica dos setores produtivos, da regulamentação voltada à produção e ao emprego, inovação tecnológica, sustentabilidade ambiental associada à provisão de energia limpa, à questão da segurança e do seguro nas empresas, bem como as políticas públicas pertinentes. A obra ainda vai passar por temas como a economia solidária, além de apresentar uma análise da taxa de desemprego em São Paulo.

Os trabalhos desta publicação, organizada pela economista Anita Kon, foram escritos por professores e pesquisadores e selecionados a partir das apresentações do XVI Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia de 2018, realizado pelo Grupo de Pesquisas em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia da PUC-SP.



Para Além da Quarentena: Reflexões sobre crise e pandemia

Ana Lole, Inez Stampa e Rodrigo Lima Ribeiro Gomes (Orgs.)
Móru-la Editorial, 2020, 282 p.

REFLEXÕES DA PANDEMIA

Organizado pelos professores Ana Lole, Inez Stampa e Rodrigo Lima Ribeiro Gomes, este livro é uma coletânea de artigos que reúne, em 27 capítulos, reflexões sobre a crise em curso, consequência da pandemia da Covid-19. A obra propõe trazer debates interseccionais, já que a sociedade vive em fogo cruzado de múltiplas agendas políticas.

O cenário político pandêmico é diferente nas diversas regiões do país e do mundo, pois a forma da população e dos governos lidarem com as medidas de enfrentamento ao novo coronavírus não foi linear. Visto isso, a coletânea procura destacar os diferentes impactos sociais e regionais causados pela pandemia, apresentando reflexões de diferen-

tes lugares, tanto em termos geográficos como em relação a experiências pessoais e profissionais.

Os temas passam por crises históricas, as divisões no interior da União Europeia, aspectos da educação brasileira, questões de saúde e saúde mental, a precarização do trabalho, o cenário político, entre muitos outros. *Para Além da Quarentena* conta com 39 autoras e autores não apenas do Brasil, mas também da Itália, França, Portugal, Estados Unidos e Uruguai.

A obra, que pode ser adquirida de forma gratuita no site da editora Móru-la, tem por objetivo refletir sobre a crise que assola o mundo, mas também apontar pistas para se pensar sobre os rumos políticos do Brasil.

EXPEDIENTE



Sede: SCN – Qd. 2 - Lote D, Torre A Salas 431 a 434
Centro Empresarial Liberty Mall - Brasília - DF - CEP 70712-903
Telefone: (61) 2109.6500
E-mail: abde@abde.org.br

Escritório: Avenida Nilo Peçanha, 50 – 11º andar
Grupo 1109 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20020-906
Telefone: (21) 2109.6000
E-mail: gecom@abde.org.br

ASSEMBLEIA DOS ASSOCIADOS

Presidente: Gustavo Montezano

DIRETORIA

Presidente: Perpétuo do Socorro Cajazeiras
1º Vice-Presidente: Sérgio Gusmão Suchodolski
2º Vice-Presidente: Ênio Mathias Ferreira
Diretores: Heraldo Alves das Neves, Jeanette Halmenschlager
Lontra, Luiz Corrêa Noronha, Paulo de Oliveira Costa, Ricardo
Wiering de Barros, Rubens Rodrigues Filho e Valdecir Tose.

Secretária-Executiva interina: Cristiane Viturino

INSTITUIÇÕES ASSOCIADAS À ABDE

AFAP – Agência de Fomento do Estado do Amapá S.A.
AFEAM – Agência de Fomento do Estado do Amazonas S.A.
AGE – Agência de Empreendedorismo de Pernambuco
AGÊNCIA DE FOMENTO DO ESTADO DE TOCANTINS
AGERIO – Agência Estadual de Fomento
AGN – Agência de Fomento do Rio Grande do Norte S.A.
BADESC – Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A.
BADESUL – Badesul Desenvolvimento S.A. – Agência de Fomento
BANCO DA AMAZÔNIA – Banco da Amazônia S.A.
BANCO SICREDI – Banco Cooperativo Sicredi S.A.
BANCOOB – Banco Cooperativo do Brasil S.A.
BANDES – Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo S.A.
BANPARÁ – Banco do Estado do Pará S.A.
BB – Banco do Brasil S.A.
BDMG – Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais S.A.
BNB – Banco do Nordeste S.A.
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
BRB – Banco de Brasília
CRESOL – Cresol Confederação
DESENBÁHIA – Agência de Fomento do Estado da Bahia S.A.
DESENVOLVE – Agência de Fomento de Alagoas S.A.
DESENVOLVE MT – Agência de Fomento do Estado de Mato Grosso S.A.
DESENVOLVE RR – Agência de Desenvolvimento de Roraima S.A.
DESENVOLVE SP – Agência de Desenvolvimento Paulista
FINEP – Inovação e Pesquisa
FOMENTO PARANÁ – Agência de Fomento do Paraná S.A.
GOIÁS FOMENTO – Agência de Fomento de Goiás S.A.
PIAUI FOMENTO – Agência de Fomento e Desenvolvimento do Estado do Piauí S.A.
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

Rumos

Redação e Administração

Avenida Nilo Peçanha, 50, 11º andar
Grupo 1109
Rio de Janeiro RJ CEP: 20020-906
Telefone: (21) 2109.6041
Email: rumos@abde.org.br
www.abde.org.br

Gerente de Comunicação & Editora

Thais Sena Schettino

Equipe

Jader Moraes, Noel Joaquim Faiad
e Maitê Rodriguez (estagiária)

Revisão

Mariana e Renato R. Carvalho

Capa

Pixabay/Noel Joaquim Faiad

Impressão e CTP

J. Sholna Reproduções Gráficas

Distribuição

Agência Imperial - Rio de Janeiro

Publicação bimestral

ISSN 1415-4722

Ano 43 - nº 310 - Março/Abril/Maio/Junho 2020

Tiragem: 1.000 exemplares

SIGA A
ABDE NAS
MÍDIAS
DIGITAIS



@abdeoficial



@abde_oficial



/company/abde



ABDE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE DESENVOLVIMENTO

**UNINDO POTÊNCIAS
PARA FINANCIAR UM
GRANDE PAÍS.**

www.abde.org.br



Joelma de Sousa - AP



Fernando Mota - CE



Eduardo Ferreira - RJ

O que o momento separa, a
cooperação une. Em qualquer
lugar do país, **conte com a gente.**



Ana Carolina - GO



Luiz Fernando - PR

Hoje, não podemos dar as mãos. Mas isso não quer dizer que nós estamos separados para sempre. O momento é passageiro e você pode contar com a gente a todo instante. Em cada canto do país, o Sicoob está conectado a você pela cooperação, pronto para te ajudar no que for preciso.

Afinal, a melhor forma de passar por tudo isso é unindo forças. Mesmo distantes, estamos juntos.

Central de Atendimento

(Dúvidas relacionadas ao uso dos canais de autoatendimento) – Atendimento 24h
Capitais e regiões metropolitanas: **4000 1111** | Demais localidades: **0800 642 0000**
Ouvidoria | De segunda a sexta, das 08h às 20h: **0800 725 0996**
Deficientes auditivos ou de fala | De segunda a sexta: **0800 940 0458**
www.sicoob.com.br

 **SICOOB**
Faça parte.